

## RESENHA

### ANTONIO NEGRI. *MARX ALÉM DE MARX: CIÊNCIA DA CRISE E DA SUBVERSÃO*<sup>1</sup>.

#### UM MARX ALEGRE<sup>2</sup>

Homero Santiago<sup>3</sup>

Rafael Versolato<sup>4</sup>

Falando deste livro quase duas décadas após sua primeira edição em 1979, o autor afirma que ele é fruto da mais pura “alegria teórica”; aquela, acrescenta, que “nenhuma paixão triste” pode fazer esquecer.<sup>5</sup> De fato, é provável que só mesmo esse tipo de alegria intelectual, quando aflora na estreita comunhão com a prática política mais aguerrida, seja capaz de, debruçando-se sobre um dos mais intrincados textos marxianos (não esqueçamos o rigoroso subtítulo: “caderno de trabalho sobre os *Grundrisse*”), viravoltar inteiramente as preconceções, ousar nas interpretações e dar-nos a conhecer – em plena guerra fria, com o socialismo à leste e a crise um pouco por toda parte – um inusitado Marx *feliz*.

Para ponderar o tamanho da novidade, é suficiente recobramos um pouco a memória daquela velha iconologia soviética que gostava de estampar um Marx hirsuto e carrancudo, em geral ao lado de Engels e Lênin, às vezes de coisa pior, a nos observar de soslaio, categórico e impiedoso; um senhor que, talvez por ter conhecido como ninguém as leis inapeláveis do materialismo histórico, não ri nem sorri, jamais demonstra humanidade.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Resenha do livro de NEGRI, Antonio. *Marx além de Marx: ciência da crise e da subversão*<sup>1</sup>. *Caderno de trabalho sobre os Grundrisse*. Trad. de Bruno Cava. São Paulo: Autonomia Literária, 2016. 358 p. ISBN 978-85-69536-06-2

<sup>2</sup> Parte deste texto apareceu como prefácio a NEGRI, *Marx além de Marx*. À editora Autonomia Literária agradecemos a autorização para retomá-la aqui.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Filosofia da USP.

<sup>4</sup> Mestre em Filosofia pela USP.

<sup>5</sup> NEGRI, *Marx: oltre Marx*, “Introduzione alla nuova edizione”, p. 10. O texto está datado de novembro de 1997.

<sup>6</sup> Baudelaire já discernira, no campo da representação artística, esse nexos: tal como nunca se representa o deus-filho cristão rindo, um sábio jamais deve rir, e se o faz por descuido, logo em seguida põe-se a tremer horrorizado; é um signo certo de sua superioridade, dessa profundidade que jamais deve acompanhar-se da

Difundida por décadas com o apoio de uma poderosa máquina de propaganda, tal representação acabou por entrar na cabeça de quase todos que, ao menos até 1968, preocupavam-se com a transformação social. O clássico militante comunista, absorvendo-a, chegou ao ponto de não ser muito mais que um sujeito “triste”, “ascético”, atravessado por razões de estado, ébrio do sonho de um esplendoroso futuro pós-revolucionário; miragem cuja gravidade bloqueava-lhe as alegrias e impossibilitava-lhe a vida presente, fadada esta à cruz de um dever insuportável.<sup>7</sup>

Nada disso se encontrará no “caderno de trabalho” de Toni Negri. Ao invés do senhor esclerosado da ortodoxia, ele nos desvenda um pensador alegre; e isso num sentido substantivo: metodicamente, teoricamente, revolucionariamente *feliz*, trabalhando entre 1857 e 1858 nos cadernos que no século XX virão a ser publicados e conhecidos como *Esboços da crítica da economia política* ou, como é mais corrente, simplesmente *Grundrisse*. “Marx se acha num momento absolutamente feliz: um momento a meia distância, que não é eclético nem pautado pela mediação, que não reduz a riqueza das pulsões a um ponto médio anódino de achatamento das categorias e estagnação da imaginação.”<sup>8</sup> Feliz porque, ao relacionar a crise e a emergência da subjetividade revolucionária, consegue finalmente compreender que todo o seu trabalho – o que conhecemos como a obra marxiana – está prestes a tomar a forma, em sentido genuíno e profundo, de “*ciência da crise e da subversão*”.<sup>9</sup>

Para Negri, redescobrir essa verdade desgraçadamente obscurecida e reatar os laços com o núcleo mais radical da obra marxiana, *naquele momento*, era uma tarefa crucial. Era a única maneira de – em meio à crise, à guerra fria, etc. – reafirmar o *comunismo*. Não como esperança num futuro longínquo cuja senha de entrada seja o deixar-se capturar pelo objetivismo partidário, mas como enfrentamento presente contra a ordem das coisas; contra a exploração e a autovalorização do capital, o comunismo como autovalorização operária e descoberta de uma subjetividade revolucionária em ação. Muitos acreditaram que ser comunista era ser materialista e ser materialista era descartar a subjetividade. Enganaram-se.

Descartando o humanismo, quis-se descartar do terreno da teoria também a subjetividade. Está errado. O caminho do materialismo é o da subjetividade. O caminho da subjetividade é o do constituir-se material do comunismo.

---

alegria porque conquistada na tristeza. Cf. BAUDELAIRE, “Da essência do riso e de modo geral do cômico nas artes plásticas”, p. 734-735.

<sup>7</sup> Para a descrição do velho militante comunista, cf. HARDT & NEGRI, *Império*, p. 435.

<sup>8</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 28; *Marx além de Marx*, p. 46. Tendo em conta que nas citações modificamos a tradução brasileira em função de nossa análise, ofereceremos sempre ao leitor as páginas tanto do original quanto da tradução.

<sup>9</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 26; *Marx além de Marx*, p. 44.

Subjetividade é a classe operária, separada, motor do desenvolvimento, da crise, da transição, do comunismo.<sup>10</sup>

Resgatar e pôr em atividade o “fio vermelho” do método marxista é para Negri a forma mais adequada de, a seu tempo, produzir uma nova ciência da crise e da subversão.

Em 24 de agosto de 1857 o banco estadunidense Ohio Life Insurance and Trust Company decretou falência provocando pânico no mercado financeiro. Outras instituições se viram arrastadas no turbilhão, o que culminou na quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Longe de se restringir à Wall Street, o desequilíbrio acarretado pelo fluxo excessivo de metais preciosos provenientes da corrida do ouro no oeste, pelo crédito desmedido e pelas transações especulativas afetou as principais capitais europeias. De Londres, Marx acompanhava cuidadosamente os acontecimentos. Como sabemos pela correspondência trocada com Engels e pelos artigos que redigia regularmente para o *New York Daily Tribune*, a seus olhos a crise já no segundo semestre de 1856 armava-se; em 9 de outubro, em artigo para o referido diário, ele prevê seu estourar próximo e a atribui principalmente à especulação financeira.<sup>11</sup>

Com o desenrolar dos acontecimentos, exulta o analista. O agravamento da crise, julga, ocasiona uma possibilidade revolucionária que mais e mais se mostra real, forte, imediata. Em agosto de 1857, ele principia a redação dos textos que viriam a constituir os *Grundrisse*. “A atual crise comercial”, afirma, “impeliu-me a trabalhar seriamente sobre meus esboços de economia política”.<sup>12</sup> Lança-se febrilmente a escrever “todas as noites até as quatro da manhã”<sup>13</sup>, antes que ocorra o “dilúvio”<sup>14</sup>. Nos textos, a alegria mal se contém; e é ela que permite ao pensador avançar como nunca, ir além de si mesmo, como quer Negri. Decerto Marx já tinha planos e uma soma enorme de materiais para a obra em gestação, “todavia, além do material histórico, a própria crise permite toda uma gama de descobertas”;<sup>15</sup> especialmente aquelas que apontam, desde o núcleo mais duro do trabalho teórico, para os rumos do enfrentamento político. A crise, embora não implique o automático revolucionamento da sociedade, é abertura, intensificação de forças subjetivas; não se tratava apenas da busca de uma “alternativa teórica”, já que para o autor dos *Grundrisse*, como sublinha Negri, ou a teoria é função da prática ou não é nada. O que Marx principalmente busca, trabalhando feito um doido num estado de ânimo singular, é forjar armas que

---

<sup>10</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 207; *Marx além de Marx*, p. 268.

<sup>11</sup> Para uma análise detalhada do trabalho de Marx nesse período, a qual será amplamente utilizada por Negri em seu estudo, cf. BOLOGNA, “Money and Crisis”.

<sup>12</sup> MARX, Carta a Engels, 21 de dezembro de 1857, apud BOLOGNA, “Money and Crisis”.

<sup>13</sup> MARX, Carta a Engels, 18 de dezembro de 1857, em MARX & ENGELS, *Opere*.

<sup>14</sup> MARX, Carta a Engels, 8 de dezembro de 1857, em MARX & ENGELS, *Opere*.

<sup>15</sup> BOLOGNA, “Money and Crisis”.

viabilizem na prática o salto revolucionário: a destruição de toda a ordem social fundada na exploração. E é isso mesmo, principalmente esse afã revolucionário, o que Negri mais necessita resgatar na década de 70.

Em agosto de 1971, em meio a instabilidades políticas e econômicas, os Estados Unidos suspendem unilateralmente a conversibilidade do dólar em ouro acordada em 1944 em Bretton Woods; pouco tempo depois o regime de câmbio flutuante generaliza-se por todo o mundo. A partir de outubro de 1973, sucessivos aumentos do petróleo determinados no âmbito da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) afetam a produção e o comércio internacionais, gerando enormes déficits em boa parte do globo. Escancarava-se a crise do modelo de Estado gestado a partir da década de 30 e a organização da produção social que ele encabeçava; um processo sobre que Negri vinha trabalhando desde a década passada e que encontra seu momento culminante no livro *Crise do Estado-plano*, publicado naquele mesmo 71, com a afirmação do aparecimento de um novo modelo: o “Estado-crise”.<sup>16</sup> Em simultâneo, o capitalismo serve-se da crise para reestruturar a produção e responder com força ao antagonismo disseminado ao longo da década de 60 e que tivera seu momento marcante em 68.

Nessas circunstâncias, a questão de uma recomposição de forças e uma nova organização política capaz de fazer frente ao capitalismo no interior mesmo da nova estrutura produtiva em curso vem ao primeiro plano. A crise é abertura e momento de gestação do novo. O capital bem o sabe, tanto que sempre aproveitou-se e aproveita-se desses períodos para renovar-se, reestruturar-se; há um uso capitalista da crise capaz de, no plano econômico, solucionar aquilo de que o mercado já não tem condições de resolver, e, no plano político, recompor as relações de força e reconquistar aos seus inimigos o espaço perdido.<sup>17</sup> Em sendo assim, mister é que a classe operária, a classe anticapitalista, saiba também fazer uso da crise a seu favor: o momento crítico não exige demasiada prudência nem deve inspirar desespero; o que a crise cobra é ousadia, invenção, capacidade de deixar para trás as velhas certezas e arrostar o novo, coragem de ir além de si mesmo. Convencido desse imperativo, o trabalho negriano ao longo dos anos 70 mais e mais privilegia os *Grundrisse* como centro nervoso da obra de Marx. Sempre se opondo a toda forma de objetivismo e insistindo na “subjetividade” e “multiplicidade” do método marxiano. Assim como o Marx que em face da crise se lançara vorazmente à teoria no afã de dar o salto prático e “mandar pelos ares” a sociedade fundada na exploração; assim também encontramos um Negri que, concebendo o paralelo entre a sua situação e a de Marx em 1857, esforça-se em compreender o presente crítico a fim de construir armas que permitam o mesmo “salto” revolucionário, a transição comunista.

---

<sup>16</sup> NEGRI, “Crisis dello Stato-piano”, p. 41.

<sup>17</sup> Cf. NEGRI, “Marx sul ciclo e la crisi”.

Esse movimento de análise, renovação teórica e audácia prática será precisamente definido por Negri, em 1977, como uma passagem “do *Capital* aos *Grundrisse*”;<sup>18</sup> o que podemos entender como condução ao limite de alguns dos mais importantes pressupostos do arcabouço teórico operaísta.

Na base do que se costuma denominar “operaísmo italiano” com referência à experiência dos grupos ligados às revistas *Quaderni rossi* (1961-1965) e *Classe operaia* (1964-1965) estava uma inovadora leitura de Marx. Mediante a redescoberta de alguns textos esquecidos e a releitura de outros que padeciam do peso de décadas de interpretação oficialista, o *Capital* à frente, os operaístas conseguiram romper as cadeias do marxismo ortodoxo com o escopo imediato de usar Marx para compreender o desenvolvimento capitalista tal como se apresentava no centro do sistema ao início da década de 60. A originalidade dessa operação, como sói ocorrer, residia numa questão de método. A leitura, principalmente dos textos maiores, está sempre na dependência de uma tomada de posição sobre aquilo que se busca. Não vamos apregoar que cada um de nós possa, num texto, ler o que quiser; não obstante, muitas vezes, porque buscamos algo, podemos simplesmente deixar de lado outras coisas que lá estão mas que nós como que não queremos ver, ou porque não nos interessam, ou porque não se coadunam com nossas concepções – um pouco como sabemos que os chineses, cujas ideias cosmológicas não excluía mudanças celestes, séculos antes de Galileu registraram o aparecimento de novas estrelas e manchas solares que eram “invisíveis” aos ocidentais presos ao geocentrismo.<sup>19</sup> Pois o que os operaístas buscavam nos textos de Marx era não somente entender o estágio do desenvolvimento capitalista como também apreender algo que havia sido bastante negligenciado: a luta de classes, o conflito, o antagonismo. E o que eles vão descobrir e maturar como um *parti-pris* é que Marx sempre escreveu *a partir de um ponto de vista operário*, o único que pode interessar e em que se deve basear toda análise de classe que tenha em vista a revolução. Eis o que fora esquecido pela ortodoxia, eis o que urgia recuperar: assim como a economia burguesa produz suas categorias, é preciso produzir as da classe operária. Está aí o núcleo do “giro copernicano” brilhantemente sintetizado por Mario Tronti em “Lênin na Inglaterra”, ensaio publicado em 1964 no primeiro número de *Classe operaia*:

Nós também vimos primeiro o desenvolvimento capitalista, depois as lutas operárias. É um erro. Cumprir inverter o problema, mudar o sinal, recomeçar do princípio: e o princípio é a luta de classe operária. Ao nível do capital socialmente desenvolvido, o desenvolvimento capitalista é subordinado às

---

<sup>18</sup> Cf. o primeiro capítulo, assim intitulado, de NEGRI, *La forma Stato*.

<sup>19</sup> Cf. KUHN, *A estrutura das revoluções científicas*, p. 151.

lutas operárias, vem depois delas e a elas deve fazer corresponder o mecanismo político da própria produção.<sup>20</sup>

Para o jovem Negri, que tomou parte na experiência operaísta, primeiro junto ao grupo dos *Quaderni rossi* e depois, ao lado de Tronti e outros, em *Classe operaia*, essa redescoberta de Marx foi o elemento crucial a lhe permitir, daí por diante, ler toda a obra marxiana prevenido contra as tentações objetivistas que ou enquadravam em leis históricas todo o desenrolar dos acontecimentos, inclusive as possibilidades revolucionárias, ou então, de maneira inversa mas solidária, acantonando-se na crença numa ideologia totalitária e decretavam um horizonte de portas inteiramente fechadas a toda emancipação. Por sua conta e risco, Negri vai constituindo para si um marxismo centrado na análise das forças subjetivas, sua composição técnica e política a cada momento, em seu poder de, mediante as lutas, funcionar como o motor mesmo do desenvolvimento capitalista. Assim, por exemplo, num seminal trabalho sobre Keynes escrito em 1967, o filósofo busca demonstrar como a forma do Estado capitalista gestada ao longo da década de 30 tinha como causa primeira não a crise de 29, mas o medo disseminado na burguesia internacional de que a crise conduzisse a um novo 1917.<sup>21</sup> A história é a história da luta de classes; uma história que os homens fazem, ainda que não como deliberadamente a querem: tais verdades precisam ser novamente trazidas à baila e tomadas mais a sério que nunca; o marxismo é, prioritariamente, *ciência do antagonismo* e da ação desse antagonismo de classe na constituição do mundo social. Anos depois, o próprio Negri, ao fazer um balanço daqueles anos operaístas, explicará com exatidão a importância desses princípios colhidos numa renovada leitura da obra marxiana:

Qual a descoberta que está na base? O fato de que o *Capital*, e em geral toda a obra de Marx, representa o ponto de vista operário. Ou seja, o *Capital* não é aquele panetone que compreende uma teoria objetiva do desenvolvimento capitalista, mas ciência do antagonismo de classe, que vive ao longo de todas as passagens do desenvolvimento capitalista. Aprender a célula fundamental da formação histórica determinada capitalista quer dizer apreender o antagonismo fundamental que está na base da sociedade burguesa, da sociedade do capital. O problema é que essas mesmas categorias do capital vivem imediatamente a relação de exploração enquanto essa relação de exploração se representa subjetivamente do ponto de vista da classe, do ponto de vista dos sujeitos; portanto as categorias do capital são categorias que, na medida mesma em que explicam o desenvolvimento capitalista,

---

<sup>20</sup> TRONTI, *Operai e capitale*, p. 87.

<sup>21</sup> Cf. NEGRI, “John M. Keynes e la teoria capitalistica dello stato nel ’29”.

explicam a síntese forçosa de uma luta que é sempre aberta (...) Descobrir a verdade da síntese capitalista através da emergência da resistência operária; era a luta que começava a todo momento a explicar a estrutura objetiva do capital, ao passo que era a luta, eram todos os momentos de intolerância, de rebelião, de sabotagem que revelavam de quando em quando como era organizado o poder do capital na fábrica.<sup>22</sup>

Aberto o caminho, Negri irá longe. Ao início dos anos 70, concluindo a sua já mencionada análise da crise do Estado-plano, ele reafirma o valor do crucial giro trontiano: “pela segunda vez para nós é atual ‘Lênin na Inglaterra’”.<sup>23</sup> A via, contudo, será trilhada de modo original, pois cada vez mais seus trabalhos tomam como lastro teórico a perspectiva de uma obra de Marx cuja existência não fazia muito tinha sido divulgada e que vários leitores consideravam indecifrável: os *Grundrisse*. Estes é que deverão constituir, aos olhos de Negri, o foco privilegiado para a interpretação de todo o marxismo e para a utilização dessa ciência na análise do capitalismo de sua época.

O que são os *Grundrisse*? Como visto, nos idos de 1857-1858, acompanhando com grande atenção a crise mundial, Marx se põe a trabalhar freneticamente na redação do que deveria ser a sua crítica da economia política definitiva. Após o frenesi inicial, todavia, não chega a concluí-la; sequer chega a acabar um texto no sentido exato da palavra, pois o que nos restou foi apenas um conjunto de cadernos e outras anotações (minuciosamente apresentadas por Negri na abertura de seu estudo) que ganhou o prelo somente ao início da década de 1940 sob as inevitáveis dificuldades de um continente já em guerra e que por bom tempo continuou sendo uma obra rara.<sup>24</sup>

Ora, ao contrário de muitos que não reconheceram grande valor nesse amontoado de textos esparsos e anotações, os operaístas demonstraram, desde o início, um interesse particular pelos *Grundrisse*, ali descobrindo intuições teóricas que permitiam avançar na compreensão do, assim nomeado por alguns dentre eles, “neocapitalismo” dos anos 60. Paradigmático nesse tópico é o privilégio que conferem ao trecho da obra que passa a ser conhecido como “Fragmento sobre as máquinas”, traduzido por Renato Solmi e publicado no quarto número dos *Quaderni rossi*,<sup>25</sup> que se tornaria um texto seminal para as análises

---

<sup>22</sup> NEGRI, Dall’operaio massa all’operaio sociale, p. 52-53.

<sup>23</sup> NEGRI, “Crisi dello Stato-piano”, p. 59.

<sup>24</sup> Cf. KECKER, “A história desconhecida da primeira publicação dos Grundrisse sob o estalinismo”; Rosdolsky, ao apresentar seu crucial trabalho, começa assim: “Em 1948, quando o autor deste trabalho teve a sorte de manusear um dos então raríssimos exemplares dos Grundrisse...” (ROSDOLSKY, Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx p. 15).

<sup>25</sup> Cf. MARX, “Frammento sulle macchine”. Na edição brasileira dos Grundrisse, o trecho correspondente está entre as p. 580-589.

dedicadas à automatização da produção capitalista; entre 1968 e 1970, Enzo Grillo, que também fora ligado ao grupo dos *Quaderni*, publicou os dois volumes da tradução integral da obra sob o título de *Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica, 1857-1858*.<sup>26</sup>

No caso específico de Negri, esse interesse operaísta pelos *Grundrisse* será levado mais longe que nunca, pois como dito é essa obra que ele estabelecerá como o foco privilegiado para o entendimento do marxismo e, sobretudo, da situação política tal como se configurava naquele momento de crise, reestruturação capitalista, de um lado, e de outro uma nova composição de classe marcada pela emergência do que Negri denominará o “operário social”. Os *Grundrisse*, então, mostram abrir-se, mais que nenhum outro texto, à prática, ou melhor, à produção de uma teoria que faça jus à prática revolucionária que aos olhos de Negri se vai intensificando nesses anos 70 e que, no caso italiano, culmina em 1977, com um conjunto de grandes e violentas manifestações, movimentos de autorredução de tarifas de serviços básicos, ocupações em universidades, ação de rádios livres, etc. Em suma, questionamentos de toda ordem, provindos de todos os estratos e – é muito importante sublinhar, pois os políticos de profissão gostariam que assim não fosse – irredutíveis à luta armada capitaneada pelas Brigadas Vermelhas. “O que caracteriza a explosão de 77 é a presença de desejos e comportamentos que vão além, prenunciando, como as trombetas do juízo, uma mudança de época à qual a política, com os seus instrumentos de compreensão, nunca conseguirá compreender.”<sup>27</sup> O 77 italiano é como uma revolução; não a que toma o Palácio de Inverno, mas aquela que aos poucos assume a forma de um processo de liberação no próprio presente; em vez de algo a esperar do comunismo a se instalar num futuro longínquo, uma liberação que é o próprio processo de transição que produz, nos interstícios da vida rotineira, uma nova ordem. Para a análise dessa situação peculiar, os *Grundrisse* surgiam como o texto ideal. Primeiramente, capazes de desfazer todos os mal-entendidos perpetrados pelas tradicionais interpretações objetivistas do *Capital*, que levavam a crer que a única força atuante na história seria o capital, ainda mais num período de crise aguda que parecia funcionar como um banho de água fria nas expectativas de 68. O texto choca-se diretamente com tal ilusão. Eles

representam o centro do desenvolvimento teórico de Marx porque representam o momento no qual o sistema em formação não se fecha mas se abre à totalidade da prática. (...) O deslizamento dos *Grundrisse* para o *Capital* é um processo feliz, mas não se pode dizer o mesmo do inverso. (...) Nos *Grundrisse* a análise teórica devém constitutiva da prática revolucionária.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Cf. BORIO, POZZI, ROGGERO (ORG.), *Gli operaisti*, p. 22. A tradução de Grillo, publicada por La Nuova Italia Editrice, será a utilizada por Negri nas citações dos *Grundrisse* em *Marx oltre Marx*.

<sup>27</sup> GRISPIGNI, 1977, p. 88.

<sup>28</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 36-37; *Marx além de Marx*, p. 57-58.

Segundo, e talvez mais importante, o texto dava a mencionada possibilidade de analogia, para Negri crucial, entre a sua época e a de Marx. A crise, já afirmara ele referindo-se ao método marxista, passa a ser tomada sempre como “sintoma geral da superação da premissa e impulso rumo à assunção de uma nova forma histórica”.<sup>29</sup> Ora, o que se buscava, naquele momento, era exatamente reatar com esse ímpeto revolucionário, o único a permitir, não é demais reiterar, uma teoria igualmente revolucionária; constituir, em nosso tempo, como Marx fez em seu, uma “ciência da crise e da subversão”. Pois é exatamente em 77 que, presumivelmente, a guinada metodológica de Negri rumo aos *Grundrisse* está mais madura que nunca, conforme enunciada na já citada apresentação de *A forma Estado*, livro que recolhia textos que vinham sendo escritos e publicados desde 1964. Ele sente-se de posse de todos os instrumentos necessários para apresentar um marxismo renovado em que o próprio Marx é convocado a golpear o marxismo que se deleita no objetivismo, os idólatras do método que o enrijecem a ponto de torná-lo inútil para a situação presente; Marx que toca seus próprios limites, tateia-os com ousadia, para ir além de si mesmo.

A oportunidade de elaborar tudo isso surge quando Negri é convidado por ninguém menos que Louis Althusser, naquele mesmo 77, a proferir um curso sobre os *Grundrisse* na Escola Normal Superior de Paris. Das aulas resultaram o livro que o leitor finalmente pode ter em mãos traduzido ao português. A análise de um Marx feliz, que sente a proximidade revolucionária e corre a teorizar; “caderno de trabalho” de um Negri feliz, declaradamente feliz, teorizando a partir do que vira nascer naqueles anos, no seio dos movimentos de contestação e do ciclo de lutas que se iniciara em 68. O livro será publicado dois anos depois, em circunstâncias completamente diferentes; com Negri já preso sob falsas acusações, junto a inúmeros companheiros de luta, por obra do infame “processo de 7 de abril” (centenas de pessoas presas ou interrogadas num único dia; milhares nos meses e anos seguintes) mediante o qual o Estado italiano intenta brevar a contestação que se tornara maciça. Era o início do fim das aspirações de toda uma geração. Na prisão o filósofo ficará ainda por anos, até partir para o longo exílio francês. Não obstante, *Marx além de Marx* permanece como a chave de abóbada da reflexão prático-teórica daqueles anos vividos numa alegria que nem o sofrimento do cárcere foi capaz de apagar. Daí a força da advertência de que partimos, lançada pelo autor quando o livro, já então traduzido para várias línguas, foi finalmente republicado no idioma original: “E para terminar me seja permitido recordar a alegria com que as ideias expressas neste livro nasceram a partir do movimento real dos anos 70. Aquela alegria teórica, não há nenhuma paixão triste que possa fazer esquecê-la”.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> NEGRI, “Crisi dello Stato-piano”, p. 19.

<sup>30</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, “Introduzione alla nuova edizione”, p. 10.

*Marx além de Marx*, sem a menor sombra de dúvida, é uma obra inovadora. É necessário, porém, esclarecer: não estamos diante de um trabalho de hermenêutica marxiana que tudo concederia para, desinteressadamente, mais aproximar-se da “verdade” do texto. Definitivamente, não. Como acontecia ao Marx dos *Grundrisse*, o que move Negri a ler e estudar essa obra é um ímpeto alegre que jamais renega, antes se nutre, daquilo que é fundamental num comunista: o ódio de classe, a determinação de sabotar o inimigo, descobrir a comunidade que passa ao largo, subversivamente, da sociedade capitalista e que não objetiva senão a transformação social desde sua raiz.

Nada revela a tal ponto a enorme positividade histórica da autovalorização operária, nada mais que a sabotagem. Nada mais que essa atividade contínua de franco-atirador, de sabotador, de absenteísta, de desviante, de criminoso que me encontro vivendo. Imediatamente sinto o calor da comunidade operária e proletária, todas as vezes que ponho o capuz. Essa minha solidão é criativa, essa minha separação é a única coletividade real que conheço. Nem a felicidade do resultado me evita: toda ação de destruição e de sabotagem redundando sobre mim como signo de companheirismo de classe. Nem o eventual risco me ofende: antes me enche de emoção febril como se esperando a amada. Nem a dor do adversário me impressiona: a justiça proletária tem a mesma força produtiva da autovalorização e a mesma faculdade de convencimento lógico. Tudo isso ocorre porque *somos maioria* – não aquela triste (...) mas maioria, qualitativa e quantitativa, do trabalho produtivo social.<sup>31</sup>

Somente tendo em vista essas exigências que se impõe a Negri na década de 70 podemos compreender e apreciar as inovações interpretativas do livro, em particular aquela que radica no fato de o autor, deixando de lado os expedientes metódicos do *Capital*, ir imediatamente ao dinheiro como existência factual do valor.

Decerto a teoria do valor é um dos temas mais polêmicos entre os estudiosos de Marx e não vem ao caso explicar as várias leituras que interpretam de modo assaz diferente o conceito de valor.<sup>32</sup> Por exemplo, uns creem que o valor possui existência natural e pode

---

<sup>31</sup> NEGRI, “Il dominio e il sabotaggio”, p. 275.

<sup>32</sup> Em relação à temática do valor, convém identificar os textos em que Marx trata o assunto. São quatro obras diferentes: 1) os *Grundrisse* (1857-1858); 2) o livro publicado por Marx e conhecido como *Contribuição à crítica da economia-política* (1859); 3) o livro I do *Capital*, também publicado por Marx em vida; 4) o conjunto de textos reunidos como *Teorias do mais-valor*, os quais foram planejados para compor o quarto volume do *Capital*. Em relação ao livro I do *Capital* cumpre destacar que existem quatro versões diferentes do capítulo 1, onde o autor

ser compreendido como um ato psicológico do sujeito; outros o concebem como processo de alienação resultante da interação entre homem e natureza mediada pela atividade humana; há ainda quem tome o valor como algo produzido pelo ato criativo da troca ou, então, como pressuposição objetiva do produto do trabalho, que logicamente só é posta como efetiva no ato da troca; e assim por diante. É óbvio que tais referências não chegam perto de esgotar o leque de interpretações; elas evidenciam porém, mediante o contraste com relação ao posicionamento de Negri, que o interesse primeiro deste, longe de ser a exegese bem-comportada de Marx, não é senão descobrir o “fio vermelho” da transformação social, o que lhe obriga ao estrondoso *deslocamento da teoria do valor à teoria do mais-valor*. Com efeito, embora importante, a mera teoria do valor isolada é incapaz de abarcar a dinâmica das forças que se opõem socialmente como antagonônicas. Somente a teoria do mais-valor revela as forças coletivas em confronto na sociedade, razão pela qual Marx realiza nos *Grundrisse*, segundo Negri, a passagem do quadro teórico para o desenvolvimento das lutas, de modo que o antagonismo ocupe o posto de “motor” do sistema marxiano<sup>33</sup>: os sujeitos se movem nesse horizonte, estão envoltos no processo, eles mesmos o realizam. A teoria do mais-valor e a teoria do valor *juntas* fornecem não apenas a “anatomia” da sociedade – isso seria insuficiente à dinâmica das forças sociais – como também a sua “fisiologia”.<sup>34</sup> Só assim a análise torna-se apta a colher a movimentação dos “polos subjetivos” da dinâmica social e consegue compreender que a cada reestruturação social corresponde uma “nova forma do antagonismo”; as forças coletivas em luta, ao invés de toparem um quadro histórico estático, defrontam-se num processo em transformação, uma história “dinâmica e criativa”.<sup>35</sup>

Enquanto processo dinâmico constituído pelo antagonismo, a “realidade política” capitalista tem por fundamento a exploração, uma vez que o dinheiro é o elemento de comando e controle da produção.<sup>36</sup> Salienta-se assim mais uma inovação da abordagem negriana, já que em sua leitura a *política* não vem situada ao final ou depois do processo de produção, e tampouco descolada da teoria econômica. Ao contrário, a política e o comando estão desde o início inteiramente presentes na relação social de produção de mais-valor; o que permite a construção da teoria do mais-valor, portanto, é a *exploração*. Para identificar o

---

trata do valor, a saber: 1) o texto da primeira edição alemã (1867), que possui um apêndice sobre a forma do valor; 2) os textos da segunda (1873) e da terceira (1883) edições alemãs; o texto da edição francesa (1872) traduzido e organizado por J. Roy, cujo texto – afirma Marx no posfácio de 1875 – “possui um valor científico diferente”; 4) a quarta edição alemã (1890), cujo texto foi bastante retrabalhado por Engels. Em suma, dispomos de um conjunto de 7 textos sobre o assunto: as 4 versões diferentes do livro I d’O *Capital* e as 3 outras obras citadas acima. E se considerarmos ainda a breve seção VI da conferência proferida por Marx à Associação Internacional dos Trabalhadores intitulada *Salário, preço e lucro* (1865), teremos um oitavo texto.

<sup>33</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 81; *Marx além de Marx*, p. 112.

<sup>34</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 83; *Marx além de Marx*, p. 115.

<sup>35</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 84; *Marx além de Marx*, p. 116.

<sup>36</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 89; *Marx além de Marx*, p. 123.

mecanismo de produção do mais-valor, a valorização, é imprescindível também identificar a relação social de exploração; a valorização exige a troca de equivalentes, a troca de trabalho – valor de uso do trabalhador – por dinheiro, e nessa relação social apresenta-se imediatamente o antagonismo, pois o dinheiro, enquanto capital, reduz aquilo que é valor de uso para o trabalhador em mero valor de troca. Através da relação de dinheiro o capital solicita o trabalho – a indiferenciada e abstrata capacidade de trabalho – e o coloca em movimento na produção sob o seu comando. Com isso, o valor de uso do trabalhador é reduzido a trabalho necessário, a valor de troca, e já não mais pertence ao trabalhador a riqueza por ele criada, mas apenas o *quantum* de dinheiro que a expressa de maneira mistificada no salário.

Aí, conforme Negri, três pontos devem ser destacados. Em primeiro lugar cumpre ter em vista a separação entre trabalho e capital, isto é, a separação entre o valor de uso do trabalhador, sua capacidade de trabalho, e o valor de troca como comando, propriedade alheia e capital. Em segundo, a oposição entre o trabalho subjetivo, a atividade que cria riquezas, e o trabalho objetivo, a riqueza na forma de objeto, que tem no dinheiro a sua forma mais universal. Por fim, quando o trabalho, como valor de uso, é reduzido a valor de troca, estabelece-se uma relação que tem uma “medida específica”: o trabalho necessário à reprodução da própria força de trabalho; contudo, isso só ocorre quando o trabalho submete-se ao capital de maneira geral, socialmente – em suma, como mais-valor social.<sup>37</sup> Alcança-se, assim, um ponto de inflexão: é preciso compreender os dois momentos da formação do capitalismo, já que, segundo Negri, Marx realiza um “par” de “deslocamentos”. O primeiro refere-se ao momento de consolidação do capital, onde a consolidação de seus elementos constituintes completa-se e o “processo de valorização põe-se em ato”.<sup>38</sup> É quando ocorre a passagem da *qualidade* (criação de valor) à *quantidade* (mensuração do mais-valor), e por conseguinte a primeira aparição do capital, na medida em que o processo de trabalho passa do mero produzir ao produzir por dinheiro.

Com o surgimento do capital, com sua estruturação, o antagonismo toma forma e dá-se um segundo deslocamento. Uma vez estabelecido, o capital tende a expandir-se e a dominar não apenas a produção como também toda a sociedade; a exploração não se restringe à esfera da produção, amplia-se para todo o social. Ora, quando o capital submete toda a sociedade ao seu domínio, é a sociedade inteira que passa a ter a qualidade de ser explorada, a exploração socializada passa a qualificá-la. Ocorre assim a passagem da *quantidade* à *qualidade*: quando o capital atinge a totalidade da valorização e de reprodução (quantidade), obtém-se como resultado que a sociedade como um todo é comandada pelo capital (qualidade). Com isso, é ampliado socialmente o antagonismo entre o “operário coletivo” e

---

<sup>37</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 101; *Marx além de Marx*, p. 138.

<sup>38</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 109; *Marx além de Marx*, p. 148.

o “capitalista coletivo”; o conflito se amplia a todas as subjetividades, que doravante se apresentam como forças sociais históricas em luta.<sup>39</sup>

Não nos enganemos. É precisamente a expansão do capital que intensifica a possibilidade revolucionária; a ampliação da exploração a toda a sociedade é, ao mesmo tempo, ampliação do antagonismo e da luta a todo o espectro social. Na medida em que toda a sociedade se apresenta como “sociedade trabalhadora”, também se apresenta toda ela como confronto social ao capital, visto que “o verdadeiro não-capital é o trabalho”<sup>40</sup>, esclarece Negri citando Marx. A socialização do antagonismo situa a “subjetividade do trabalho” como “potência geral” no sentido de “oposição radical” ao capital.<sup>41</sup> O que o autor dos *Grundrisse* demonstra-nos é que o antagonismo expandido ao social escancara seu jaez na relação social de dinheiro – o dinheiro aparece à guisa de “substância comum do trabalho assalariado e do capital”;<sup>42</sup> como exclama Negri: “o dinheiro tem uma só cara, a do patrão”!<sup>43</sup> O enfoque no dinheiro impede a abstração especulativa da teoria do valor; ele é “uma coisa concreta que contém todos os dinamismos e contradições do valor”<sup>44</sup>. O dinheiro mostra que não se pode falar de teoria do valor senão como parte da teoria do mais-valor; além disso, deixa claro que o sentido da teoria do mais-valor é de cabo a rabo político. Ela “se move ao nível da máxima generalidade, da crítica do dinheiro”, ao mesmo tempo em que é portadora de “uma extraordinária força antagonista”, dado que a luta se abre a toda a sociedade.<sup>45</sup>

Nos *Grundrisse*, ao contrário de outros textos de Marx e sobretudo do *Capital*, o trajeto da análise vai do dinheiro ao valor, evidenciando que o vil metal é a apresentação imediata e concreta do valor em ato. Segue-se, primeiro, que a lei do valor é apresentada imediatamente no dinheiro como lei da exploração; segundo, que o fundamento da relação social de valor é o antagonismo, a luta entre explorador e explorado; em terceiro lugar, já que é o dinheiro que efetua o processo de socialização do capital, ele socializa ao mesmo tempo o antagonismo, e assim o conflito entre as classes em luta amplia-se a níveis nunca antes vistos e capazes de fazer a sociedade da exploração explodir. Com o dinheiro, não estamos perante valor, estamos “dentro” do valor. Uma das inovações cruciais do trabalho de Negri – o que em definitivo torna equivocado classificá-lo como mero exegeta portador de mais uma leitura possível da teoria do valor ao lado de tantas outras – é salientar a entrada de Marx no assunto

---

<sup>39</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 110; *Marx além de Marx*, p. 148.

<sup>40</sup> MARX, *Grundrisse*, p. 213, apud NEGRI, *Marx oltre Marx*, 103; *Marx além de Marx*, p. 140.

<sup>41</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 100; *Marx além de Marx*, p. 137.

<sup>42</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, 87; p. *Marx além de Marx*, p. 121.

<sup>43</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 43; *Marx além de Marx*, p. 65.

<sup>44</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 62; *Marx além de Marx*, p. 89.

<sup>45</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 115-116; *Marx além de Marx*, p. 155.

direta e imediatamente pelo dinheiro, o qual escancara “a cara asquerosa da relação social de valor”.<sup>46</sup>

Eis a relação social de valor expressa pelo dinheiro: se ele é um equivalente, é antes de tudo a *equivalência de uma desigualdade social*. No dinheiro, a *forma* da relação social de valor é o cálculo da exploração, da extração de mais valor social, porquanto o montante total de dinheiro de uma sociedade corresponde ao montante total da riqueza produzida pelos trabalhadores assalariados. O seu *conteúdo* é a relação de desigualdade presente na produção, a relação de exploração, pois o trabalho, forçado a converter-se em assalariado, converte-se em trabalho necessário em oposição ao mais-trabalho por ele produzido, convertido na forma do mais-valor. A *forma* e o *conteúdo* da relação social de desigualdade, a relação de valor, existem concretamente no dinheiro como comando, domínio social, intervenção “sobre as frações sociais de trabalho necessário e de acumulação”<sup>47</sup>. Dinheiro, dizem os *Grundrisse*, é “poder social” que se “traz consigo no bolso.”<sup>48</sup> O ódio de classe de Negri explode: “o dinheiro, os exercícios reformistas sobre ele: eis toda a merda”!<sup>49</sup> A forma como o dinheiro recobre seu conteúdo revela a conexão íntima entre ambos. Esse nexos interno mostra que não há concessões a serem feitas ao capital, pois cada *re-forma* é aprofundamento do *conteúdo*, por conseguinte aumento da exploração. Logo, não há “revolução”, é impossível a libertação, sem a “destruição” completa da “sociedade burguesa”, do “trabalho assalariado” e do “dinheiro”.<sup>50</sup> Nenhuma reforma, socialista ou liberal, é capaz de superar o antagonismo de base da sociedade capitalista.

Se no dinheiro a lei do valor vem imediatamente referida ao antagonismo, o enfoque incide sobre os sujeitos que vivenciam a luta de classes: não se pode falar de dinheiro sem falar de exploração, isto é, do comando e do domínio de uma classe sobre outra. O antagonismo está na base da formação social fundada na exploração, na relação social de extração do mais-valor. A partir desse ponto abrem-se a Marx os demais problemas tratados nos *Grundrisse*, como a crise, o mercado mundial, etc. Ora, como essa abertura ocorre a partir do antagonismo presente na base social, assim também ela mostra que o antagonismo constitui o “fio vermelho” que une as subjetividades como força social antagonista à exploração. Eis o sentido negriano do ir “além” de Marx.

É preciso ficar claro de uma vez por todas: com o título *Marx além de Marx*, Negri não pretende retocar ou corrigir pretensos erros da teoria marxiana nem superá-la como se fosse algo obsoleto. Trata-se, sim, de ir *além* do Marx institucionalizado pelas escolas, oficializado pelos partidos, petrificado pelos intelectuais. Noutras palavras, trata-se de ir a

---

<sup>46</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 41-42; *Marx além de Marx*, p. 64.

<sup>47</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 44; *Marx além de Marx*, p. 68.

<sup>48</sup> MARX, *Grundrisse*, p. 105.

<sup>49</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 46; *Marx além de Marx*, p. 71.

<sup>50</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 46; *Marx além de Marx*, p. 71.

Marx como tarefa diretamente revolucionária, a fim de retomar-se uma teoria antagônica ao capital que, a partir da análise objetiva do capital e subjetiva do comportamento das classes em luta, busque na continuidade da pesquisa teórica o salto prático de transição ao comunismo. Em suma, ir além de Marx é ver a história como o antagonismo dinâmico das relações de força que situa o trabalho como não-capital e como tendência vencedora da luta de classes. Esse *Marx além de Marx* é o Marx dos *Grundrisse*. Todavia, adverte Negri que não se trata de uma “polêmica abstrata” contra o *Capital*. Simplesmente ocorre que o *Capital* foi o texto que serviu “à redução da crítica de Marx à economia política, à anulação da subjetividade na objetividade, à sujeição do proletário subversivo à inteligência recompositora e repressiva do domínio”. Por outro lado, em simultâneo ele afirma que é possível “reconquistar” um “nível de leitura correto do *Capital*”, embora não a partir da “consciência atenta do intelectual” e sim pela “consciência revolucionária das massas”.<sup>51</sup>

Na crise do século XIX despontou ao Marx dos *Grundrisse* a possibilidade revolucionária da classe trabalhadora. A crise dos anos 70 do século XX levou Negri a retornar aos *Grundrisse* e indicou-lhe o “fio vermelho” do antagonismo como possibilidade revolucionária. Dessa perspectiva, a crise do século XXI – de que a queda do gigante financeiro Lehman Brothers, no outono de 2008, foi apenas um dos índices maiores e que se arrasta até os dias de hoje – indica-nos que, enquanto houver capital, a anomalia da crise será a norma cotidiana. Enquanto houver crise, *Marx além de Marx* será atual fonte de armas teóricas para a luta prática. Mostra-nos Negri, neste volume que o leitor lusófono tem finalmente a sua disposição, que nessa luta não há concessões a serem feitas ao capital; nenhuma reforma pode superar o antagonismo, pois enquanto não se destruírem a sociedade burguesa, o trabalho assalariado, o dinheiro, vai persistir a exploração. À crise, deve-se responder com subversão – subversão *comunista*. Daí, sem medo e imbuído da mais profunda e revolucionária alegria, concluir Negri: apenas “o comunismo é (...) destruição da exploração e a libertação do trabalho vivo. *Do não-trabalho*. É isso e basta. Simplesmente”!<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Cf. NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 37; *Marx além de Marx*, p. 58.

<sup>52</sup> NEGRI, *Marx oltre Marx*, p. 118; *Marx além de Marx*, p. 158.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. “Da essência do riso e de modo geral do cômico nas artes plásticas”. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BOLOGNA, Sergio. “Money and Crisis: Marx as correspondent of the *New York Daily Tribune*, 1856-57”. Disponível em: <http://www.wildcat-www.de/en/material/cs13bolo.htm> (originalmente publicado como “Moneta e crisi: Marx corrispondente della *New York Daily Tribune*”. In: BOLOGNA, Sergio; CARPIGNANO, Paolo; NEGRI, Antonio. *Crisi e organizzazione operaia*. Milão: Feltrinelli, 1976).

BORIO, Guido; POZZI, Francesca; ROGGERO, Gigi (org.). *Gli operaisti. autobiografie di cattivi maestri*. Roma: Derive Approdi, 2005.

GRISPIGNI, Marco. *1977*. Roma: Manifestolibri, 2006.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005 (1ª ed. 2000).

KECKER, Rolf. “A história desconhecida da primeira publicação dos *Grundrisse* sob o estalinismo”. In: PAULA, João Antonio de (org.). *O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Opere*, vol. XI: *Lettere 1856-1859*. Roma: Editori Riuniti, 1973.

MARX, Karl. “Frammento sulle macchine”. *Quaderni rossi*, n. 4, 1964.

\_\_\_\_\_. *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858, Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NEGRI, Antonio. “Crisis dello Stato-piano”. In: *I libri del rogo*. Roma: DeriveApprodi, 2006 (1ª ed. 1971).

\_\_\_\_\_. *Dall'operaio massa all'operaio sociale: intervista sull'operaismo*. Org. de Paolo Pozzi e Roberta Tommasini. Verona: Ombre Corte, 2007 (1ª ed. 1979).

\_\_\_\_\_. “Il dominio e il sabotaggio”. In: *I libri del rogo*. Roma: DeriveApprodi, 2006 (1ª ed. 1977).

\_\_\_\_\_. “John M. Keynes e la teoria capitalistica dello stato nel '29”. In: VV.AA. *Operai e stato. Lotte operaie e riforma dello stato capitalistico tra rivoluzione d'Ottobre e New Deal*. Milão: Feltrinelli, 1972.

\_\_\_\_\_. *La forma Stato. Per la critica dell'economia politica della Costituzione*. Milão: BCDe, 2012 (1ª ed. 1977).

\_\_\_\_\_. *Marx além de Marx: ciência da crise e da subversão. Caderno de trabalho sobre os Grundrisse*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

\_\_\_\_\_. *Marx oltre Marx*. Roma: Manifestolibri, 2003 (1ª ed. 1979).

\_\_\_\_\_. “Marx sul ciclo e la crisi”. In: VV.AA. *Operai e stato. Lotte operaie e riforma dello stato capitalistico tra rivoluzione d'Ottobre e New Deal*. Milão: Feltrinelli, 1972.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EdUERJ, Contraponto, 2001.

TRONTI, Mario. *Operai e capitale*. Roma: Derive Approdi, 2006 (1ª ed. 1966).